

Características do Jornalismo em Quadrinhos da revista especializada Badaró¹

Maria Gabriela Santana RIBEIRO²

Maria Eduarda da Silva SANTOS³

Yara MEDEIROS⁴

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

A revista Badaró, objeto de estudo apresentado aqui, se dedica inteiramente ao formato do Jornalismo em Quadrinhos (JHQs), sendo a primeira iniciativa especializada da área no Brasil. Neste trabalho busca-se entender quais as principais características da narrativa de 12 JHQs publicadas pela Badaró em 2024. A metodologia utilizada foi a análise temática, aplicada a partir da observação de códigos demarcadores relacionados ao jornalismo e a formatos híbridos emprestados da ficção. Entre as características destacam-se: uso de fontes documentais; predomínio da narração onisciente, do tom didático e de fontes documentais; ênfase em temas conflituosos e complexos, ausência de códigos jornalísticos explícitos e uso de alegoria em narrativas opinativas. No panorama artístico, apresenta estilos variados de desenho e formatos agregando na expansão criativa da produção jornalística.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Visual; Narrativas gráficas; Ilustração; Não-ficção; Análise Temática.

INTRODUÇÃO

A necessidade de reinvenção do jornalismo durante as últimas décadas provoca a busca por formas diferenciadas de contar histórias não-ficcionais, como o Jornalismo em Quadrinhos (JHQ). Textos e imagens acabam se tornando fórmulas visuais acessíveis ao se fundirem e virarem um só elemento, dando a oportunidade de melhor compreensão e imersão à história ao leitor sobre eventos não registrados em formato de vídeo ou imagem que contaram apenas com a observação ocular dos fatos, “o processo digestivo intelectual é acelerado pela imagem fornecida pelos quadrinhos” (Eisner, 1996, p. 19).

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMA-Imperatriz, e-mail: maria.gsr@discente.ufma.br

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFMA-Imperatriz, e-mail: mes.santos@discente.ufma.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Doutora em Comunicação do Curso de Jornalismo da UFMA-Imperatriz, e-mail: yara.medeiros@ufma.br

Este artigo faz parte do estudo de narrativas em quadrinhos no jornalismo fruto do projeto de pesquisa “Mapeamento de Ilustradores da Região Tocantina do Maranhão”, desenvolvido na Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. A proposta se dispõe a mapear as manifestações visuais dos ilustradores dessa região, compreender a cultura visual dos produtores, sejam amadores ou profissionais, e estimular a produção de jornalismo visual, em especial JHQs, para retratar histórias da região Tocantina de forma lúdica, didática e criativa.

Para tanto, mapeamos e estudamos iniciativas de produção de JHQs no Brasil e observamos as principais formas de construção da narrativa visual. Neste recorte, foi escolhida como objeto da pesquisa a Revista Badaró, criada em 2019, sendo a primeira revista brasileira especializada na produção de JHQs. Tavares (2012, p. 98) lembra autores pioneiros dos estudos em jornalismo especializado na Espanha na década de 1970, Pedro Orive e Concha Fagoaga, que apontavam a especialização jornalística como destinada a determinar os problemas da sociedade segundo certa área de interesse, dando soluções e formando consciência crítica nos leitores. Baseado na busca de apontar interesses pessoais e mais selecionados, o jornalismo especializado surge para que as informações atendam às singularidades de públicos divergentes (Abiahy, 2000, p. 5) tendo aproximação com o leitor e suas audiências próprias.

Desde 2023, as publicações da Badaró deixaram de explorar o campo do audiovisual e dos podcasts, estreitando seu formato apenas aos quadrinhos jornalísticos e textos ilustrados. Expandiu as publicações, que antes eram apenas no formato digital, para o impresso também, sendo este último diferenciado por ter conteúdo mais aprofundado. O nome “Badaró” é uma homenagem ao jornalista Giovanni Líbero Badaró, executado em novembro de 1830, durante o período do Primeiro Reinado, por defender a liberdade de imprensa. Este episódio, mais adiante, se tornou um dos motivos da abdicação de Dom Pedro I.

Desde a sua criação, a revista tem a intenção de se manter de forma independente, sendo financiada por leitores que consomem o conteúdo e por iniciativas que compartilham dos mesmos viés, se posicionando a favor das esferas sociais vulneráveis, pondo em prática a frase do editor-chefe da primeira fase do jornal *O Pasquim*, Tarso de Castro (1987 *apud* Revista Badaró, 2019) “Sou parcial mesmo. Não acredito em jornalista que não seja parcial; são babacas”. A frase está no “Manifesto” da Revista Badaró, um texto expondo a política

editorial, como são pautadas as práticas jornalísticas quanto à técnica, ética e estética, e a natureza do jornalismo que defendem.

O objetivo do artigo é compreender as principais marcas e traços da narrativa de 12 JHQs publicadas pela Badaró em 2024. De início, é discutido o conceito de Jornalismo em Quadrinhos e seus contextos no Brasil, seguindo para a importância dos diferentes formatos no jornalismo, em especial, os quadrinhos, suas finalidades, a objetividade jornalística, a criatividade fornecida pelos quadrinhos e o hibridismo do encontro destes dois formatos. Ademais, analisamos 12 histórias em quadrinhos da Revista Badaró, buscando as características das narrativas a partir de códigos demarcadores do campo jornalístico e de narrativas ficcionais.

JHQ: SEQUÊNCIA ILUSTRADA

A expressão “Jornalismo em Quadrinhos” surgiu em 1992, quando não existia uma categoria para a HQ “Palestina”⁵, de Joe Sacco, precursor do formato. O JHQ se configura como um estilo de narrativa de não-ficção executada com técnicas de apuração jornalística que, segundo Sacco (2016), se difere da ficção ao apresentar a exatidão do fato e recordação de referências para ilustrar a realidade vivida pelas fontes.

Porém, para Dutra e Debom (2021), o uso dos recursos das HQs no jornalismo já existia muito antes da criação desse campo:

(...) a utilização de recursos quadrinísticos como ferramenta narrativa ou ilustrativa pelo jornalismo tradicional não é nenhuma novidade, a começar, por exemplo, pela ilustração sequencial, o infográfico sequencial e a reconstituição quadrinizada de fatos, velhos amigos dos jornais e revistas noticiosos. Alguns já eram empregados no jornalismo ilustrado do século 19 (Dutra; Debom, 2021, p.15).

No Brasil, o advento do Jornalismo em Quadrinhos se deu justamente pela reconstituição gráfica e sequencial de fatos e crimes, no século 19. Um dos pioneiros na área foi o artista plástico e jornalista sergipano Horácio Hora, que mesmo com as poucas bases existentes na época, produziu uma reconstituição em quadrinhos complexa e detalhada do "Crime da Mala"⁶. O material feito por Hora teve um impacto social e comunicacional que “elevou o

⁵ A obra é resultado de uma longa pesquisa e mais de 100 entrevistas feitas com palestinos e judeus na década de 1990 durante diversas visitas à Cisjordânia e Faixa de Gaza. Sacco traz um panorama histórico do conflito, relata narrativas, diálogos e seu próprio testemunho na forma de Jornalismo em Quadrinhos.

⁶ “O crime da mala”, como foi chamado pela imprensa, ocorreu em 1928 no Brasil. Um imigrante italiano, Giuseppe Pistone, assassinou sua esposa, Maria Féa, no bairro da Luz, cidade de São Paulo, e ocultou seu corpo em uma mala. O episódio ganhou ampla cobertura na época, gerando comoção popular.

status da ilustração jornalística à fonte de informação histórica e social no Brasil” (Santana; Bari, 2020, p. 2), servindo como referência ao jornalismo brasileiro, aos quadrinhos e à área criminalística.

A partir dos anos 2000, houve, segundo Dutra e Debom (2021), uma “explosão” do Jornalismo em Quadrinhos na mídia impressa tradicional, muitos veículos passaram a publicar materiais originais em formato de HQ mas, ainda assim, foi uma explosão controlada, já que foram poucos os veículos que investiram na publicação regular e planejada de JHQs. Intitulada “Vanguarda: histórias do movimento estudantil da Bahia”⁷, a primeira grande reportagem em quadrinhos produzida no Brasil foi em 2007, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos jornalistas baianos Leandro Silveira, Caio Coutinho e Fábio Franco.

A Revista Fórum e a Agência Pública, utilizam o formato em algumas reportagens desde janeiro de 2012 e maio de 2014, respectivamente. Em 2019 surge a Revista Badaró, sendo o primeiro focado totalmente no JHQ. A seção HQ de Fato, da Revista O Grito, é fundada em 2022, sendo também integralmente dedicada ao JHQ. Nomes como Alexandre de Maio (“Meninas em jogo”), Helô D’Angelo (“Quatro Marias”) e Carol Ito (“Três Mulheres da Craco”) se tornaram relevantes no cenário ao ganharem prêmios com seus trabalhos. Os conteúdos dos veículos e jornalistas citados variam entre temas de cunho social, político, ambiental e cultural, quebrando o estereótipo de que quadrinhos possuem apenas conteúdo infantil e humorístico (Sversuti, 2018).

Sendo os formatos jornalísticos meios de construção da mensagem aos leitores, buscando que a informação seja transmitida da melhor forma. Essa lógica também se aplica aos quadrinhos, uma vez que podem passar ou complementar melhor uma informação em comparação a outros formatos. Um exemplo, de acordo com Dutra e Debom (2021, p.13), são os relatórios em quadrinhos, que popularizaram seu conteúdo “tornando-o acessível a um público que normalmente não leria um relatório tradicional”.

A liberdade criativa das HQs em contato com as características do jornalismo (apuração, veracidade e, neste caso, principalmente a objetividade) sugere questionamentos quanto à validade e legitimidade sobre o JHQ. No entanto, José Arbex (2005, p. 8), em seu

⁷ A reportagem em quadrinhos foi publicada como série de reportagens no jornal A Tarde, de Salvador. O material contém 30 páginas e conta através de imagens sequenciais, episódios importantes que marcaram a história do movimento estudantil baiano entre 1942 e 2003.

texto de introdução da versão brasileira de Palestina, afirma que este confronto é desnecessário, visto que a objetividade em seu mais puro estado independe do narrador. “Já que o sujeito da enunciação do discurso sempre deixará sua marca: mesmo a demonstração de um teorema matemático, completamente impessoal, será marcada pelo estilo do matemático”.

Dentro do fazer jornalístico existem filtros que vão desde a escolha da pauta, até em como ela é abordada pelo profissional. Trazendo essa perspectiva para as JHQs, Joe Sacco (2016) defende em seu livro-reportagem em quadrinhos “Notas sobre Gaza”, que a interpretação visual do ilustrador seria mais um filtro a ser levado em consideração:

(...) O leitor deve levar em conta que essas histórias passaram ainda por mais um filtro antes de chegar ao papel - a saber, minha interpretação visual. (...) Para reconstruir a aparência das cidades e dos acampamentos de refugiados de Gaza à época, me validei em grande parte das fotografias disponíveis nos arquivos da Agência de Socorro e Trabalhos da ONU, na cidade de Gaza, além das descrições físicas fornecidas pelos palestinos (Sacco, 2016, p. 8).

A impressão da objetividade, segundo Neto e Schneider (2019), acaba sendo transmitida graficamente a partir de discursos visuais que valorizam a representação verídica de eventos e espaços através de detalhamentos, manutenção de proporções e uso de representação realista do espaço como, por exemplo, a perspectiva. Desta forma, o Jornalismo em Quadrinhos se faz como uma espécie de documentário visual estático, sendo uma nova forma de retratar a realidade (Portugal, 2010, p. 36). Por fim, é esta liberdade criativa que proporciona o hibridismo de JHQs com formatos ficcionais, mas sem deixar de sair do eixo da não-ficção – para isso se faz uso das técnicas de apuração –, “justamente por sua condição de produto social e histórico inserido em uma totalidade e dotado de historicidade” (Santos; Miani, 2021, p. 15), tendo riqueza de detalhes e podendo trazer características narrativas da crônica, alegorias de personagens e um narrador onisciente.

Em um trabalho anterior (Ribeiro; Medeiros, 2024), esses aspectos foram observados em JHQs produzidas na seção especializada HQ de Fato, da Revista O Grito!. A intenção foi compreender quais demarcadores na narrativa eram características da técnica jornalística e quais eram formatos híbridos. Na análise de sete HQs publicadas em 2023, foram encontrados dois grupos de representações narrativas como códigos demarcadores: aqueles com elementos explícitos do campo jornalístico, que buscam representar o universo da reportagem e apuração da informação objetiva, e aqueles que trazem elementos comuns nas narrativas ficcionais com elementos lúdicos e visões pessoais. As narrativas apresentadas na HQ de Fato conservam o estilo consagrado por Sacco, mas também trazem demarcadores das técnicas

jornalísticas junto a narrativas alegóricas, personagens inventados e formas poéticas de trazer informações com fontes que dialogam com elementos ficcionais, reforçando a aglutinação das duas áreas. Aqui observamos como esses códigos demarcadores são utilizados nas narrativas da revista Badaró ampliando o número de HQs observadas pela pesquisa.

ILUSTRANDO A PRÁTICA

As pesquisas bibliográfica, documental e a análise temática (Braun; Clarke, 2006) foram os métodos utilizados para observação das HQs. A análise temática, segundo Braun e Clarke (2006), passa pela familiarização com os dados, geração de códigos iniciais, busca por temas, revisão e definição dos temas para a produção de um relatório da análise. Neste caso, as 12 HQs publicadas em 2024 pela revista Badaró, na seção Quadrinhos, foram observadas sistematicamente baseadas em códigos demarcadores já detectados em HQs brasileiras (Ribeiro; Medeiros, 2024) e foram destacadas as fontes de informação e os códigos narrativos do jornalismo e/ou a presença de elementos textuais e visuais didáticos e artísticos buscando reflexões sobre as formas criativas do JHQ em um espaço especializado.

A seguir apresentamos na tabela, um resumo das temáticas abordadas e a análise das JHQs aplicando os códigos demarcadores e outras questões apresentadas na amostra.

Tabela 1 - Discussão dos códigos demarcadores

<p>Mídia: Revista Badaró</p> <p>Códigos: imagem do repórter em cena, falas do personagem respondendo a entrevista, uso de aspas, aparecimento de ferramentas de apuração, demarcação de uso de fontes, elementos didáticos, uso de alegoria, criação de personagem, narrador onisciente e observação pessoal.</p>	
	<p>“Invasão Zero”: A milícia ruralista que está no centro do assassinato de líder pataxó, arte de Arthur Santana e roteiro de Norberto Liberator, trata de informações sobre a milícia de latifundiários chamada “Invasão Zero” que realiza remoções ilegais de comunidades camponesas e indígenas, ganhando notoriedade a partir do assassinato de Maria de Fátima Muniz de Andrade, conhecida como Nêga Pataxó, líder do povo pataxó Hã-Hã-Hãe. É uma nota informativa com a temática de violência e violação de direitos humanos. Traz um narrador onisciente em seus sete quadros de ilustração, uso de fontes documentais (Brasil de Fato, De Olho nos Ruralistas e na Página Oficial do Conselho Indigenista Missionário) e apenas uma fala de personagem. A arte é sem muitos detalhamentos gráficos, contendo personagens reais e apenas as cores preto e branco.</p>
<p>Link: https://www.revistabadaro.com.br/2024/02/02/invasao-zero-a-milicia-ruralista-que-esta-no-centro-do-ssassinato-de-lider-pataxo/</p>	



“**Henfil: 80 anos do rebelde do traço**”, arte de Paloma Silva e roteiro de Norberto Liberator, conta, de forma breve, a história do jornalista e artista Henrique de Souza Filho, conhecido como Henfil, e suas contribuições para o futebol carioca, política, música e luta por pesquisas de importação de medicamentos e tratamentos para soropositivos (na época, ele e seus irmãos foram infectados pelo vírus HIV após tratamento para a hemofilia). Trata de um perfil de artista em tom didático. Traz um narrador onisciente em sete quadros de ilustração. Usa informações bastante conhecidas do artista, não credita as fontes e não usa fala de personagem, usa paleta colorida e utiliza a imagem ilustrada pelo artista, um de seus personagens mais famosos, a Graúna.

Link: <https://www.revistabadaro.com.br/2024/02/07/henfil-80-anos-do-rebelde-do-traço/>



“**8 de março: Flores ou espinhos?**”, por Marina Duarte em parceria com o mandato da deputada estadual Gleice Jane (PT-MS), trata sobre o contexto internacional das origens do Dia da Mulher e quando esta data foi reconhecida como tal. Dentro do contexto brasileiro, apresenta Gleice Jane, deputada feminista do PT do Mato Grosso do Sul, e seus projetos de lei relacionados à pautas feministas pleiteados durante seu mandato. Aplica a temática de gênero de forma didática e deixa claro o patrocínio. Usa narrador onisciente nos sete quadros de ilustração, informações conhecidas sobre o 8 de maio e sem fala de personagens. Usa três cores (preto, branco e lilás), símbolos clássicos para ilustrar o tema, a cor lilás para demarcar a temática de gênero e representação

da deputada.

Link: <https://www.revistabadaro.com.br/2024/03/08/8-de-março-flores-ou-espinhos/>



“**Ruanda e Congo-Kinshasa: Chagas compartilhadas**”, por Norberto Liberator, conta a luta dos africanos da República Democrática do Congo, também conhecida como Congo-Kinshasa, e Ruanda, ambos com histórias violentas devido ao colonialismo europeu que ainda repercute nos dias de hoje. O evento é pautado a partir de pesquisas em outros veículos (fonte documental e especializada), seguindo uma linha do tempo de desde quando o fato começou até os dias de hoje. Ilustra um conflito político internacional de forma didática com narrador onisciente em oito quadros, sem uso de falas de personagens. Faz uso de fontes documentais listadas ao final da matéria. Usa símbolos clássicos da guerra, pessoas uniformizadas e armas, trazendo riqueza de detalhes nos desenhos em preto e branco, principalmente nos personagens citados, que são representados visualmente.

Link: <https://www.revistabadaro.com.br/2024/03/23/ruanda-e-congo-kinshasa-chagas-compartilhadas/>



“México: continuidade e desafios” de Norberto Liberator, aborda o cenário político do México, especificamente a eleição de Claudia Sheinbaum como a primeira mulher presidenta da república, em 2024, contando suas ideologias e participação no governo até então. Percebe-se o emprego da narração e apuração por meio dos dados e informações mostrados ao leitor.

Link:

<https://www.revistabadaro.com.br/2024/06/06/mexico-continuidade-e-desafios/>



“A marcha do ódio e o ataque a jornalistas em Jerusalém”, de Norberto Liberator, descreve e ilustra cenas de violência aos civis e jornalistas palestinos na chamada “Marcha das Bandeiras”, que comemora anualmente a tomada de Jerusalém pelo estado de Israel. Nas sequências em quadrinho, o repórter principal é apenas narrador dos fatos e não é visto, mas há também a presença de outros repórteres, esses, em cena são personagens encontrados na apuração de histórias de jornalistas que vivenciaram o ocorrido.

Link:

<https://www.revistabadaro.com.br/2024/06/09/a-marcha-do-odio-e-o-ataque-a-jornalistas-em-jerusalem/>



Na JHQ “Bancada evangélica e Lira: unidos pelo estupro”, de Norberto Liberator e Manu Leones, o Congresso Nacional e até mesmo as figuras políticas, aparecem envoltos em grandes tentáculos de polvo, enquanto o projeto de lei 1904/2024, conhecido como “PL dos estupradores” é explicado aos leitores, levando o expectador a refletir sobre o teor “sombrio” da temática apresentada. Mesmo sem estar em cena, o repórter atua de forma onisciente.

Link:

<https://www.revistabadaro.com.br/2024/06/17/bancada-evangelica-e-lira-unidos-pelo-estupro/>



“Badaró convida: Bruno Torturra” é a primeira entrevista da série “Badaró convida”, um quadro novo de entrevistas em formato “pingue-pongue”. No material, de Norberto Liberator e Vitória Regina, as fotografias saem de cena e dão lugar às ilustrações do convidado destacando trechos de suas respostas, de modo que os desenhos também atuem como a janela do texto. O formato não é uma HQ, é uma entrevista ilustrada, poderia estar em outra seção.

Link:

<https://www.revistabadaro.com.br/2024/06/20/badaro-convida-bruno-torturra/>

Fonte: Elaboração das autoras

ILUSTRANDO OS RESULTADOS

Nota-se na perspectiva artística uma diversidade de estilos nas reportagens da revista Badaró, passando por ilustrações mais livres (como “‘Invasão Zero’: A milícia ruralista que está no centro do assassinato de líder pataxó” e “8 de março: Flores ou espinhos?”, que se assemelham a um esboço) até às mais detalhadas (como “Bancada evangélica e Lira: unidos pelo estupro”), com ou sem cores. As principais temáticas foram questões de denúncia, violência e direitos humanos violados, dando ênfase à informações sobre temas conflituosos, denunciando de forma clara e citando nomes envolvidos, sendo assim condizentes com a proposta do veículo, exposta no Manifesto, de fazer um jornalismo engajado, de posição independente e contra-hegemônico.

A Revista trata de temas internacionais de modo didático, como em “Ruanda e Congo-Kinshasa: Chagas compartilhadas”, ao abordar o conflito de forma cronológica, e “O que o Chile pode ensinar sobre prevenções a catástrofes”, apresentando formas de lidar com o fato. O emprego do narrador onisciente é o formato mais visto, diferente da amostra da HQ de Fato, que usa narrativas mais diversas, aqui o repórter aparece como narrador-personagem em apenas duas narrativas (“Não existe fenótipo indígena: a estereotipação de pessoas amazônidas” e “A marcha do ódio e o ataque a jornalistas em Jerusalém”), nas demais aparece nos créditos do texto e/ou ilustração. Percebemos que quando o tom é mais opinativo, no estilo de *cartoon* crítico, há o uso mais marcante dos elementos ficcionais.

O modo de apuração da Badaró nas HQs analisadas foi basicamente o uso de fontes documentais, não são apresentadas fontes orais ou narradas visitas *in loco*, por isso balões com falas são raros. Há também a ausência de demarcação narrativa com códigos jornalísticos, tais como o repórter apurando ou na cena. Estas duas últimas características, de certa forma, privilegiam uma narrativa mais didática e direta, e resumem assuntos complexos e conflituosos para que sejam fáceis de serem compreendidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que o Jornalismo em Quadrinhos aborda temas que apenas palavras demandam uma maior atenção e conhecimento de mundo. Através da arte sequencial, uma

riqueza de detalhes pode ser estabelecida e, por mais que a Revista Badaró traga elementos visuais que dialogam com recursos de fora do jornalismo de forma sutil, ainda assim colabora com o melhor entendimento do leitor, cumprindo com uma das propostas do JHQ.

A revista Badaró utiliza narrativas que privilegiam um estado de imagem mais objetivo, com figuras de pessoas (sejam elas fontes ou pessoas citadas no texto) e uso frequente do narrador onisciente, sem demarcações do repórter em cena. A inserção de mais diversidade tanto quanto as fontes e incluindo o gênero reportagem, com a ida do repórter e ilustrador a campo, reforçaria ainda mais o conceito de Jornalismo em Quadrinhos.

A partir do embasamento histórico dos fatos e explicitação de fontes, o JHQ deixa nítido que suas abordagens são de não-ficção. As ilustrações, assim como os hibridismos aceitos no formato, servem como uma alavanca para capturar a atenção do leitor e deixar a narrativa mais fluida e acessível, servindo como um decodificador textual.

O formato é digno de relevância para mais pesquisas, pois serve como alternativa para maior inserção do leitor em meio a informações de natureza complexa e expansão de formas criativas de reportagem. No cenário, destaca-se além da Badaró, a Agência Pública, a Revista Fórum, a seção HQ de Fato da Revista OGruto!, Agência Sumaúma que contribuem para a expansão do Jornalismo em Quadrinhos no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. 2000. 27f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2000.

ARBEX, José. Introdução. In: SACCO, Joe. **Palestina** – ed. especial. São Paulo: Conrad, 2011.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006 *apud* BARBOSA, M. A. S.; SILVA, M. R. da; NUNES, M. S. C. **Pesquisa qualitativa no campo Estudos Organizacionais: explorando a Análise Temática**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 41., 2017, São Paulo. Anais eletrônicos [...] São Paulo: AnPAD, 2017.

CASTRO, Tarso de. O manifesto: em defesa do potencial artístico do jornalismo e do potencial jornalístico da arte. **Revista Badaró**, set. 2019. Disponível em: <https://www.revistabadaro.com.br/2019/09/11/o-manifesto/>. Acesso em: 27 de maio de 2024.

COUTINHO, Caio; SILVEIRA, Leandro; FRANCO, Fábio; SPANNENBERG, Ana. **Vanguarda: Histórias do Movimento Estudantil da Bahia**. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal – 2 a 6 de setembro de 2008. Disponível em:

https://www.academia.edu/8306398/Vanguarda_Hist%C3%B3rias_do_Movimento_Estudantil_da_Bahia1. Acesso em 22 de julho de 2024.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa; DEBOM, Paulo. Anotações para uma cartografia dos quadrinhos não ficcionais e do jornalismo em quadrinhos. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v.8, 2021.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas de Will Eisner**. 1ª ed. São Paulo: Devir Editora, 1996.

MEDEIROS NETO, José Sampaio de; SCHNEIDER, Greice. **O Estilo gráfico no jornalismo em quadrinhos**. 9ª Arte. São Paulo, vol. 8, n. 1, 1º Semestre/2019.

PORTUGAL, Mirela Gonçalves. **A reportagem em quadrinhos: uma análise de Palestina**, de Joe Sacco. Monografia (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010.

RIBEIRO, Maria Gabriela Santana; MEDEIROS, Yara. **Jornalismo em Quadrinhos: características da produção especializada na seção HQ de Fato**. 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Natal/RN, 2024.

SACCO, Joe. **Reportagens**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2016.

_____. **Notas sobre Gaza**. 2ª ed. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2016.

SANTANA, Glêyse Santos; BARI, Valéria Aparecida. O pioneirismo do jornalismo em quadrinhos no Brasil: reconstituição do "Crime da Mala" por Horácio Hora. **Revista Cajueiro: Ciência da Informação e Cultura da Leitura**, v. 2, 2020.

SANTOS, Renata de Paula dos; MIANI, Rozinaldo Antonio. Na contramão do pensamento hegemônico: uma análise da obra Reportagens de Joe Sacco. **Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa v.8.e2117766, p. 01-20, 2021.

SVERSUTI, Leilane Cristina. **Jornalismo em Quadrinhos: a história que conta a história**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Bahia, Brasil, 2018.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. A especialização jornalística como teoria e objeto: contornos e limites. **Revista Comunicação Midiática**, v.7, n.1, p.96-116, jan./abr. 2012.